

DVD
Material
Educativo
para
Professor
Propositor

VÉIO



DVDteca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

Véio / Instituto Arte na Escola ; autoria de Dora Maria Dutra Bay ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.

(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 66)

Foco: LA-22/2006 Linguagens Artísticas

Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia

ISBN 85-98009-67-9

1. Artes - Estudo e ensino 2. Escultura 3. Cultura popular 4. Véio (Cícero Alves dos Santos) I. Bay, Dora Maria Dutra II. Martins, Mirian Celeste III. Picosque, Gisa IV. Título V. Série

CDD-700.7

 **Créditos**

MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA

Organização: Instituto Arte na Escola

Coordenação: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Projeto gráfico e direção de arte: Oliva Teles Comunicação

MAPA RIZOMÁTICO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Concepção: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Concepção gráfica: Bia Fioretti

VÉIO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Autor deste material: Dora Maria Dutra Bay

Revisão de textos: Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

Diagramação e arte final: Jorge Monge

Autorização de imagens: Ludmilla Picosque Baltazar

Fotolito, impressão e acabamento: Indusplan Express

Tiragem: 200 exemplares



VÉIO

Ficha técnica

Gênero: Documentário.

Palavras-chave: Escultura; cultura popular; regionalismo; artesanato; intuição; imaginação criadora; vida cotidiana; imaginário fantástico.

Foco: **Linguagens Artísticas.**

Tema: A linguagem escultórica do artista Véio.

Artista abordado: Cícero Alves dos Santos, o Véio.

Indicação: A partir da 5ª série do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Direção: Adelina Pontual.

Realização/Produção: Chá Cinematográfico e Rec Produtores Associados, Recife.

Ano de produção: 2005.

Duração: 23'.

Sinopse

O documentário apresenta depoimentos e obras do agricultor e artista Cícero Alves dos Santos. Conhecido como Véio, o artesão conta sobre seus interesses por costumes, lendas e histórias locais. Mostra como ele construiu, à frente de seu sítio, uma verdadeira galeria de arte a céu aberto. São esculturas em tamanho natural ou gigantes de homens, mulheres, crianças e animais em cenas cotidianas que ilustram um pouco da cultura nordestina. O local, à margem da Rodovia Engenheiro Jorge Neto, que leva ao município de Nossa Senhora da Glória, no interior do sertão sergipano, ficou conhecido como Museu do Véio.

Trama inventiva

Falar sem palavras. Falar a si mesmo, ao outro. Arte, linguagem não-verbal de força estranha que ousa, se aventura a tocar assuntos que podem ser muitos, vários, infinitos, dos mundos das coisas e das gentes. São invenções do persistente ato criador que elabora e experimenta códigos imantados na articulação de significados. Sua riqueza: ultrapassar limites processuais, técnicos, formais, temáticos, poéticos. Sua ressonância: provocar, incomodar, abrir fissuras na percepção, arranhar a sensibilidade. A obra, o artista, a época geram linguagens ou cruzamentos e hibridismo entre elas. Na cartografia, este documentário é impulsionado para o território das **Linguagens Artísticas** como possibilidade de desvendar a singular linguagem escultórica do artista Véio.

O passeio da câmera

A câmera nos permite observar a vida, o cotidiano, as obras e o universo simbólico do escultor Cícero Alves dos Santos, o Véio. O documentário¹ não possui narrador, e é a fala natural, segura e fluente do artista que conduz a filmagem. Por trás da câmera, percebe-se o olhar sensível da direção da cineasta pernambucana Adelina Pontual. *Véio* explora as possibilidades próprias da linguagem do documentário, e pode igualmente ser visto como obra.

No caminhar do olho da câmera pela área de oitocentos metros quadrados do Sítio Só Arte, vemos a árida paisagem que se transfigura pelo surgimento dos “seres” silenciosos que observam e parecem brincar com o visitante. Ali estão esculturas em tamanho natural, ou com onze metros ou mais, de homens, mulheres, crianças e animais em cenas cotidianas, que mostram um pouco da cultura nordestina. Nessa paisagem sertaneja, despontam pela câmera um cortejo fúnebre, um casal que dança forró ao lado de um sanfoneiro, o Padre Cícero, uma jibóia gigante, um agricultor com sua enxada, um cego, um aleijado, entre outras figuras.

Cícero Alves dos Santos, o Véio, nos fala de sua história e de sua dedicação à pesquisa dos hábitos e costumes de sua gente. Sua arte revela um universo mítico, um imaginário particular que materializa uma verdadeira antropologia pictórica do sertanejo.

O documentário oferece percursos para proposições pedagógicas em: *Forma-Conteúdo*, tendo, na temática figurativa, o imaginário fantástico; *Processo de Criação*, a ação criadora intuitiva e a imaginação criadora; *Materialidade*, a vitalidade da matéria orgânica madeira e os procedimentos tradicionais da escultura; *Mediação Cultural*, o Sítio Só Arte como espaço cultural; *Saberes Estéticos e Culturais*, a cultura popular e o artesanato; *Conexões Transdisciplinares*, a questão ambientalista e os recursos naturais.

Focalizamos o documentário em **Linguagens Artísticas** por considerarmos importante a ênfase à linguagem estética arcaica das esculturas do artista Véio.



Sobre Cícero Alves dos Santos, Véio

(Nossa Senhora da Glória/SE, 1947)

Eu não mato o que está vivo. Eu dou a vida a quem já está morto.

Véio

Um mundo de esculturas de seres vivos parece brotar das mãos de Cícero Alves dos Santos, conhecido como Véio.

Cícero é um homem simples, agricultor. O nome de batismo é uma homenagem dos pais a Padre Cícero, já Véio surge pela convivência com os idosos da região. Eles diziam que o menino Cícero mais parecia um “véio” por estar no meio dos velhos.

Véio. Um artesão simples, sem estudo, mas conhecedor da cultura popular. Começa a criar suas primeiras peças aos 5 anos de idade, em cera de abelha, utilizando-a como massa de modelar. Com a escassez do material, ele passa a utilizar a madeira.

Um artista sergipano, que, com alegria, gosta de mostrar sua casa-parque-museu, uma verdadeira exposição de arte ao ar livre, que abriga esculturas de vários tamanhos

espalhadas por toda parte, cada uma delas contando um pouco da vida, dos mistérios, da fé e das lendas do homem do sertão. Véio diz que suas peças, às quais ele parece atribuir vida e alma, são a história do sertão mostrada pelo artesanato.

O artista usa mulungu – uma madeira mais macia que não tem valor comercial, mas existe em grande quantidade na região – para fazer as peças do mostruário e, recebendo encomenda, reproduz a peça em cedro ou em imburana, madeiras mais duradouras.

Ambientalista por natureza, Véio aproveita as sobras de madeira encontradas em seus passeios pela mata. Suas esculturas são rústicas, feitas de traços e cortes simples e agudos, que traduzem o imaginário popular sertanejo. As pessoas e os animais têm expressões fortes, rudes, reforçadas pelo colorido. Para chegar a tanto, Véio pesquisa os costumes do homem sertanejo há 40 anos. Suas obras podem ser vistas como narrativas que guardam extrema semelhança com as histórias de Cordel, cujas imagens parecem xilogravuras em três dimensões.

Um exemplo de suas “histórias esculpidas” é o conjunto em miniatura do que havia na casa dos primeiros habitantes do sertão. No quarto: uma cama de corda, chamada cama de vento, o pinico, a mala, o chapéu e o candeeiro. Na cozinha: pilão, cuscuzeiro, chaleira, bule, abano, frigideira, saleiro, tigela, pratos rasos e fundos e a faca, uma mesa de gaveta, tamboretas, panela de barro, bacia, ralo e ferro de passar. Na varanda, local onde o sertanejo passava a maior parte do tempo: um banco, espingarda, cabaça, picareta, cavador, pá, foice, machado, enxada, faca, facão, espingarda, cangaia, cabaça, chibata, pote, entre outras coisas.

Véio também registra os costumes do sertanejo em peças que retratam a mulher grávida, o nascimento do bebê com a ajuda da parteira e o hábito de enterrar o umbigo das crianças. Outros temas de sua preferência são as histórias locais e as lendas, como a do lobisomem, a da caipora.

Chamam atenção as obras nomeadas de “as menores do mundo”², como a do cavaleiro em seu cavalo, do gato, do cachorro, entre outras, que medem poucos milímetros, muitas vezes somente visíveis em detalhes com uma lupa. A religiosidade está presente no impressionante presépio, todo criado a partir de palitos de fósforo entalhados com um canivete, até nos pormenores dos rostos. Véio entra para o *Guinness Book*, o livro dos recordes, como autor da menor escultura em madeira. O artista ressalta que, para ele, as miniaturas não são competição, mas desafios, como diz no documentário:

é forma de mostrar para os amantes da arte que ela não é medida nem pelo tamanho, nem pelo peso, a arte, pela sua criatividade, pela sua simplicidade, pela mensagem que ela passa, pode ter 10 m., ou 1 mm., é o seu sentimento, é sua forma de expressão.

O universo simbólico de Véio representa não só o cotidiano dos grupos vivenciais sertanejos, mas também remete à abrangência antropológica do homem contemporâneo, aproximando tradição e modernidade.

Se o Sítio Só Arte é para o artista sua residência e “casulo” de criação, para nós, viajantes e visitantes, é a possibilidade do encontro com um interessante e rico acervo de arte e artesanato do nordeste brasileiro, que nos enriquece e nos oferece a singularidade da linguagem de um escultor face ao contexto em que se situa. Que tenhamos olhos para olhar!



Os olhos da arte

Essas são exposições que a gente coloca, assim, a céu aberto, com a finalidade de mostrar que a arte, ela não é só para estar no gabinete ou em escritórios, ou em museus. Ela pode estar também na roça, fazendo parte desse povo que também convive com o sol, com a poeira e com a seca. Por isso é que ela está aí, ressecada no sol.

Véio

Na paisagem surpreendentemente árida do sertão sergipano está o Sítio Só Arte. **Imerso em tantas dificuldades, lá está Cícero, o Véio, que com suas mãos de artista entalha na madeira seres**



Cícero Alves dos Santos - *Still do documentário Véio* - Foto: Gil Vicente

comuns e mitológicos, animais e extraterrestres. A arte e a vida, para ele, arfam em meio à penúria. Sua obra escultórica, em exposição permanente a céu aberto, enriquece o espaço.

Antes de lançar um olhar analítico que penetra na intimidade estética de suas esculturas, há que se ter um olhar generoso que se deixa invadir pelo mundo tocante de suas figuras e ali fica perscrutando o barulho do silêncio inumano.

É preciso misturar-se com o mundo criado pelo artista Véio para nos colocarmos diante de sua arte e ver refletido nela um ato político: o seu compromisso com a cultura.

Véio é um artista popular inventivo que cria, com liberdade e imaginação, seu próprio universo. As características formais de seu trabalho trazem o segredo do uso do material mais puro e primitivo: a madeira. Como ele mesmo nos conta no documentário:

A inspiração nasce da visão, você chega numa árvore dessa, como eu cheguei aqui, e vi todo tipo de escultura, já que eu posso aproveitar uma árvore dessa, é só eu olhar e ver qual a história de cada peça. No meu trabalho eu não sou um desmatador, eu dou vida a quem já tá morto, eu coloco ela pra que seja apreciada com a beleza e as curvas que ela tem. Quando você pega um tronco fechado, você aí cria a partir

da inspiração. Eu trabalho com os dois gêneros diferentes, tanto vejo a obra feita, quando ela tem curva, e quando ela não tem curva eu dou forma, eu interpreto de dentro de minha imaginação.

A atitude de Véio em relação à madeira e sua concepção da criação artística manifestam o seu absoluto domínio de procedimentos que denotam o comportamento arcaico brasileiro trazido em suas esculturas.

Para Clarival do Prado Valladares³,

As raízes de nosso comportamento arcaico brasileiro são africanas e européias. Africanas de várias culturas tribais, de nações definitivas por atitude teocrática e, do outro lado, européia através da permanência do espírito medieval ibérico no colonizador, especialmente naquele que se interiorizou como sertanista e se isolou.



Cícero Alves dos Santos - *Still do documentário Véio*
Foto: Gil Vicente

Assim, na linguagem escultórica do artista Véio, pode-se perceber atributos estéticos caracterizadores do comportamento arcaico. Com um estilo individual marcante, suas esculturas são bem próximas ao arcaico: atitude hierática que se manifesta na frontalidade, soberania e contenção da figura, tanto na representação da criatura humana como nas figuras de animais em atitude de vigilância, ou a expressividade de relevo existencial ao sobrenatural.

Ao mesmo tempo, as dominantes poética e mitológica de seu trabalho encontram-se confirmadas na cultura popular nordestina, com a presença de personagens populares, sempre ao ar livre, em ação, remetendo ao universo simbólico do sertanejo. Mas, enquanto tentamos definir uma linguagem estética do arcaico nas esculturas de Véio; ele apenas deseja revestir de símbolos, de representações, a história de sua gente, como nos revela no documentário:

Eu quis fazer um trabalho por amor à profissão, por respeito ao passado de um povo, por ter uma história da arte num estado onde não é respeitada a cultura, então eu passei a fazer o trabalho com este objetivo. Eu nasci assim com esta fascinação não só pelas coisas antigas, mas pelas coisas do universo. Então eu não sabia, nem fazia para me tornar um artista, mas fazia por uma necessidade que a própria mente mandava.

Essa necessidade de criar, de certo modo, aproxima-o de Eli Heil, que “vomita criações” e, em 1987, inaugura O Mundo Ovo, uma casa-museu que abriga o acervo composto de mais de mil trabalhos. De outro modo, o Sítio Só Arte guarda relações com a Oficina Cerâmica Francisco Brennand⁴, que em 1971 transformou o espaço em oficina-museu, também visto como templo-jardim, composto de espaços mito-mágicos, criando ambientes propícios ao sonho e ao devaneio.

Ao bater à porta do Sítio Só Arte, diante do artista Véio que se diz “palhaço da arte” e conversa com as esculturas, “pessoas da família, que têm vida, alegria e tristezas”, talvez devêssemos atentar ao instinto da arte em nós, capaz de levar o homem a criar, sob qualquer regime ou situação pessoal.

O passeio dos olhos do professor

Sugerimos que você faça uma leitura detalhada do documentário antes de planejar seu uso em sala de aula. Recomendamos que anote suas impressões e as utilize ao longo do trabalho, como um diário de bordo, um guia de auxílio ao seu pensar pedagógico. A pauta do olhar que apresentamos é apenas uma sugestão, já que sempre muitas outras são possíveis.

- O que o documentário desperta em você? Quais questões ele provoca?
- Quais relações você percebe entre a vida pessoal de Véio, a da comunidade e suas obras?
- Você tem proximidade com o universo simbólico das obras de Véio? O que ele instiga você a pesquisar?
- Como, ao mostrar a fala e trabalho de Véio, você prevê a utilização do documentário na sala de aula?
- O que você extrai de mais relevante no documentário para seus alunos?
- O documentário pode desencadear quais focos de trabalho para seus alunos?

Retomando suas anotações iniciais e acrescentando alguns desenhos ou esquemas, você poderá recortar um foco de trabalho que pode desencadear uma pauta do olhar para seus alunos.



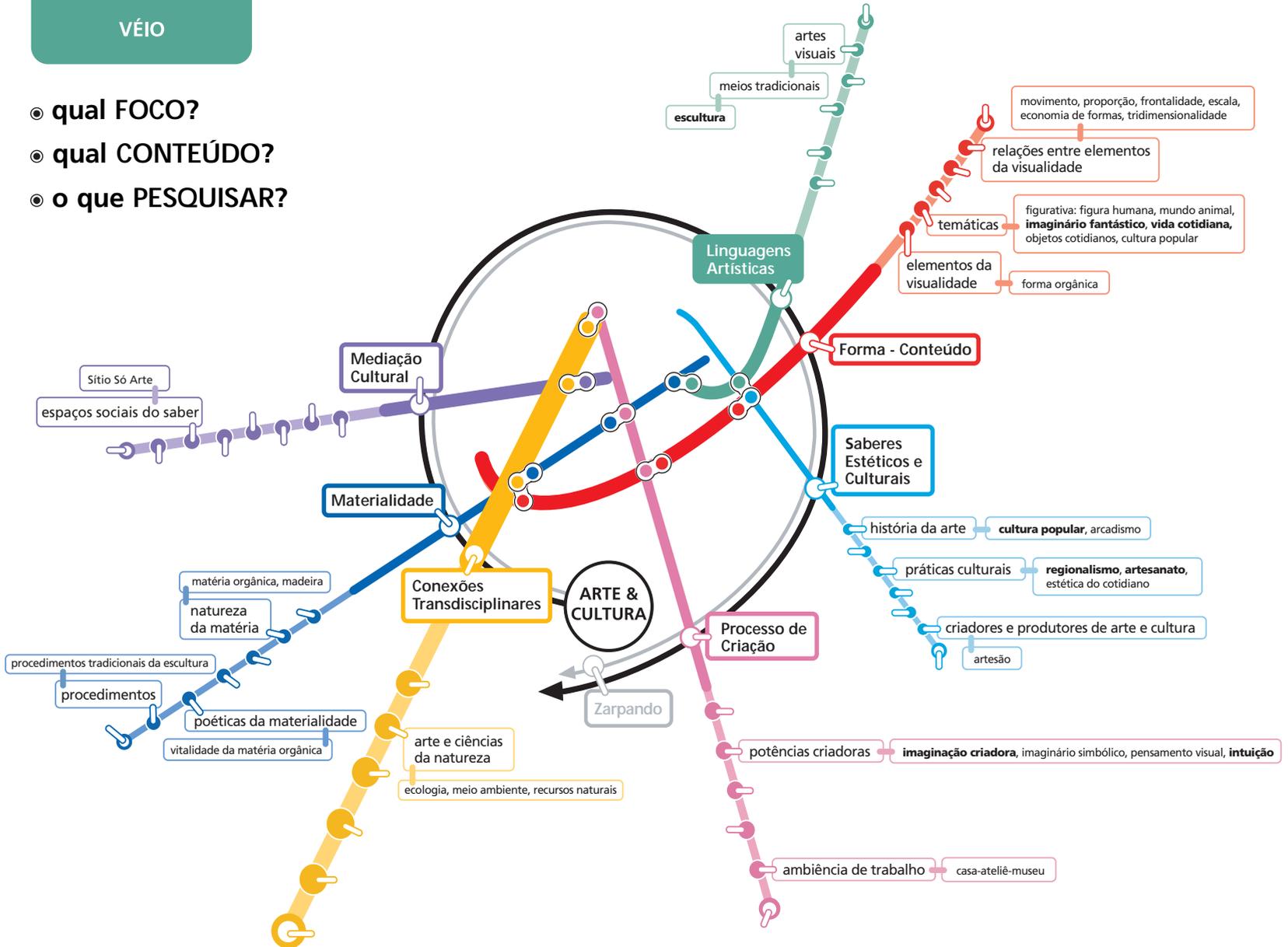
Percursos com desafios estéticos

No documentário, encontramos possíveis caminhos para o território **Linguagens Artísticas**. Vemos esse foco como relevante já que o artista trabalha com a linguagem da escultura e talha em madeira. As proposições pedagógicas aqui sugeridas convidam você a pesquisar e experimentar em conjunto com os

Mapa potencial

VÉIO

- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?



alunos, impulsionando o desenvolvimento de projetos. Não há ordem seqüencial nos percursos, a escolha e interpenetração entre eles dependerão do seu olhar sobre a curiosidade e produção dos alunos.

O passeio dos olhos dos alunos

Algumas possibilidades:

Representando o cotidiano

Uma forma possível e lúdica de entrada no documentário, antes de sua exibição, é a representação em grupos, teatral e performática, de uma atividade ou cena simples da vida cotidiana da comunidade. Proponha conversas sobre os personagens das cenas, as funções deles na comunidade, a história e a importância de cada um. Se possível, registre as cenas em fotografia ou desenho, de modo a formar uma seqüência do cotidiano dos alunos.

Descobrimo a arte popular

Outra maneira de introduzir o tema é, antes da exibição, solicitar aos alunos que procurem em casa e tragam para a aula peças de arte popular, atuais ou pertencentes aos antepassados. Interrogue sobre a forma de criação dos objetos, o profissional que produz as peças, a matéria-prima, as formas de trabalho e outras questões pertinentes, descobrimo o interesse dos alunos em conhecer a arte popular. No momento em que falarem dos materiais com os quais as peças são feitas, já é possível introduzir comentários e questões relativas à arte popular e ao artesanato, além de enfatizar elementos de memória e de estética do cotidiano, presentes no objeto artístico/artesanal. Ao final, você poderá, juntamente com o grupo, analisar o que foi vivenciado e visto, problematizando e já encaminhando proposições para a continuação do trabalho.

Contar, escrever, desenhar

Outra proposta interessante pode partir do resgate de len-

das e fábulas locais, por meio do relato oral de histórias da tradição, contadas por familiares, de outras mais modernas, lendas urbanas⁵, ou “casos” particulares. Depois, é possível pedir que escrevam ou desenhem as histórias, integrando oralidade, escrita e forma, para a criação de um acervo, cuja utilização poderá ocorrer em outras etapas do trabalho ou em propostas multidisciplinares envolvendo diversos professores.

As sugestões apresentadas são alguns indicativos para você aguçar o olhar dos alunos para a exibição do documentário, incentivando opiniões diferenciadas e sentidos que alarguem o entendimento de questões sobre a arte, o artista popular e as tradições populares.

Desvelando a poética pessoal

A proposta é criar a partir do que foi tratado no *Passeio dos olhos dos alunos*, procurando, com eles, estabelecer pontes com os tópicos do mapa do documentário. É importante a sua orientação para que cada aluno possa desenvolver uma atitude investigativa e sua poética pessoal, movendo percepções singulares na leitura apreciativa e discussão dos resultados.

- Partindo das cenas que representam o cotidiano, a proposta é a criação de uma instalação que permita entrar, penetrar e interagir alterando a cena, trocando os personagens de lugar, etc. A instalação pode ser criada com materiais simples, como papéis, fios, retalhos e outros, descartados pelos estabelecimentos comerciais. Ao final, as cenas de cada grupo podem ser agrupadas formando um grande “mundo das artes cotidianas”.
- Dando continuidade aos estudos e documentação de fábulas locais, histórias tradicionais e urbanas, casos particulares, ou acontecimentos da sociedade e da política locais, seria interessante criar pequenos livros com narrativas como as da literatura de cordel. Para tanto, os alunos podem se servir de diferentes formas de desenho sobre papel ou

xilogravura. No caso da xilogravura, a impressão manual com colher poderá ser feita sobre tecido e o livro costurado com cordão. O conjunto formará uma pequena seleção que pode integrar a biblioteca da escola. Caso haja equipamento de informática disponível, há uma grande gama de recursos de computação gráfica a ser explorada.

- Utilizando a argila como matéria de modelagem, os alunos poderão criar a partir de temas explorados por Véio, tais como o palhaço, o filósofo, a árvore barriguda, a família, o índio e o ciclo da vida. É a oportunidade para observar as diferenças e singularidades dos materiais, argila e madeira, bem como os elementos da visualidade característicos da tridimensionalidade.
- Expor ao tempo peças criadas com pedaços de madeira, troncos, galhos, folhas, etc. é uma maneira de acompanhar a ação das intempéries e a deterioração das obras e dos materiais, a vida da obra. Esta proposta pode se estender por um período mais longo e estimular a produção de registros (textos, fotos, desenhos) das transformações observadas, levando a questionamentos, conclusões e melhor entendimento do que é a modalidade “arte efêmera”.

Ampliando o olhar

Em proposições para ampliar o olhar, você pode recorrer ao documentário para retomar o tema, esclarecer algum ponto importante, ou enfatizar determinado aspecto. Congelar a imagem para possibilitar apreciação ou discussão mais prolongada é uma forma simples de fazer isso.

Buscando ampliar, além do olhar, a escuta e a sonoridade da rima poética, a sugestão é uma nutrição estética a partir de um fragmento do poema *Navio negreiro*, de autoria de Castro Alves, declamado por Véio no documentário. O que os alunos podem descobrir sobre a ligação entre o fator ancestralidade e as origens caboclas do sertanejo⁶?

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...

Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélagos profundo!

Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

- ☉ A partir da fala de Véio sobre o fato de se considerar “palhaço da arte”, você pode levantar uma discussão sobre o papel do artista na sociedade, a função da crítica da arte, a mensagem que ela pode veicular, como no caso de suas obras “*O político da arte*”, “*O enterro da cultura*” ou “*O índio nu*”.
- ☉ Organize uma visita ao ateliê, casa ou museu pessoal de um artista da localidade da escola. Um roteiro de perguntas, elaborado previamente pelos alunos para entrevistar o artista, é um modo de gerar uma investigação para a construção de relações com o universo das artes de Véio.
- ☉ Véio diz que olha para as árvores secas, suas formas e curvas e “vê” os personagens, as imagens e a história de cada um. Reunir os alunos e fazer, uma expedição⁷ pelas proximidades da escola, com olhar atento e sensível, procurando “ver” formas na vegetação e outros elementos naturais,

como pedras e nuvens, é também uma maneira de ampliar o olhar. As formas visualizadas podem ser desenhadas e, posteriormente, reutilizadas em outros trabalhos criativos, transformadas em personagens, bonecos, etc.

- O artista Frans Krajcberg (documentário disponível na DVDteca Arte na Escola) também trabalha a partir de material natural, árvores, troncos e restos de queimadas e devastações de florestas. Embora seu objetivo e sua estética sejam diferentes da de Véio, é possível estabelecer relações entre os artistas e as respectivas obras. Questione sobre as semelhanças, como, por exemplo, o aproveitamento de vegetação já morta e o caráter de denúncia da obra. É a oportunidade de observar e discutir as diferentes estéticas dos dois artistas, suas origens e poéticas diversas.

Conhecendo pela pesquisa

Conhecer pesquisando proporciona o aprofundamento das questões aqui levantadas sobre a arte, o artesanato e as tradições populares como portadores de valores de ancestralidade, arcaísmo e permanência. Sugerimos atividades de estudo e investigação, preferencialmente envolvendo variadas fontes de informações, como entrevistas, pesquisas *in loco*, via internet, etc.

- As origens e as técnicas da literatura de cordel, forma de expressão crítica popular na região nordeste, podem ser investigadas, já que a obra de Véio guarda certa relação com essa manifestação artística.
- O que os alunos conhecem sobre as lendas e fábulas das diferentes regiões brasileiras? O início da pesquisa pode ser as lendas do Caipora e do Lobisomem citadas no documentário.
- Artistas como Nino, de Juazeiro do Norte/CE, Conceição dos Bugres, de Campo Grande/MT, Anselmo Alves dos Santos, de Taubaté/SP, ou Mestre Guarany, de Santa Maria da Vitória/BA utilizam a linguagem escultórica do arcaico em suas obras. O que os alunos podem descobrir sobre eles?

- ☉ Conhecer outros artistas populares de Sergipe: o escultor Pedro José da Silva, o Ará; Jorge Alves Siqueira, o Zeus; Júnior e suas personagens do cotidiano do sertanejo em ferro; Mestre Antônio e Pinto, que utilizam a madeira; Dona Judith, que cria imagens sacras em barro; Wilton, que elabora peças como peixes e crustáceos; e Gonzaga, que confecciona redes de tear.
- ☉ Há “famílias” de artistas populares? A investigação pode começar, por exemplo, com Mestre Vitalino. Como acontece a continuidade da obra sem que se torne estereótipo ou produto de fácil apelo comercial?
- ☉ Quais as semelhanças e diferenças que os alunos podem identificar entre o Sítio Só Arte, de Véio; O Mundo Ovo, de Eli Heil; a Oficina Cerâmica Francisco Brennand; e a Casa da Flor? Além da investigação por meio dos documentários destes artistas na DVDteca Arte na Escola, pode-se buscar sites na internet.

Amarrações de sentidos: portfólio

Neste momento, você pode encadear os sentidos. Nesta etapa, será possível tornar clara a correlação entre as fases de todo o processo, numa reflexão que leve ao entendimento global dos estudos. Sugerimos a organização de um portfólio em linguagem tridimensional que abrigue os trabalhos e resulte em uma forma original, uma escolha e desafio para os alunos. A montagem e a organização do portfólio, escapando da simples pasta com folhas plásticas, já demanda a seleção de trabalhos, elaboração e cuidado estético, constituindo uma forma de amarração dos sentidos. Para socializar o estudo, o resultado poderá ser exposto na escola à comunidade.

Valorizando a processualidade

Quais mudanças e avanços ocorreram? Os alunos percebem o que conheceram? De que forma eles propõem a avaliação do processo de trabalho?

O portfólio, ao ser apresentado, já oferece elementos à avaliação. Como professor-propositor, a volta ao seu diário de bordo e releitura de suas anotações ajudará em sua reflexão, como também revelará descobertas e idéias inovadoras ou construtivas surgidas no decorrer do processo.

Glossário

Caipora – ser fantástico da mitologia Tupi, que assume representações variadas, segundo a região do país. Fonte: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, p. 252.

Instalação – tipo de obra de arte na qual o espaço de exposição é integrado como mais um elemento componente da estética. Fonte: BURKHARD, Reimschneider. *Arte actual*. Köln: Taschen, 2001, p. 185.

Literatura de cordel – tipo de romance popular no nordeste, geralmente feito em folhetos impressos de forma simples, ilustrados com xilogravuras. São expostos à venda pendurados em cordas, nas feiras e mercados. Fonte: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, p. 851.

Lobisomem – pessoa que, segundo a crença popular, se transforma em lobo e vagueia nas noites de sexta-feira, assustando as pessoas, até encontrar quem o fira e desencante. Fonte: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979, p. 854.

Simbólico/símbolo – o que é portador de significação e se caracteriza pela versatilidade e não pela uniformidade. A linguagem verbal, a arte, o mito e a religião para o filósofo Cassirer são parte do universo simbólico construído pelo ser humano. Fonte: CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o homem*. São Paulo: Martins Fontes. 2001, p. 47-49.

Bibliografia

ALVES, Castro. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

FROTA, Lélia Coelho. *Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro: século XX*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

SALLES, Vicente. Artesanato. In: ZANINI, Walter (org.). *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. v. 2.

VALLADARES, Clarival do Prado (org.). *Artesanato brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

_____. Primitivos, genuínos e arcaicos. In: AGUILAR, Nelson (org.). *Arte popular*. Mostra do Redescobrimento. São Paulo: Fundação Bienal: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

Seleção de endereços de artistas e arte na rede internet

Os sites abaixo foram acessados em 10 jul. 2005.

ARTESANATO BRASILEIRO. Disponível em: <www.artesanatobrasil.com.br>.

_____. Disponível em: <www.rabisco.com.org/11/renda.html>.

ARTESANATO NORDESTINO. Disponível em: <www.paraiba.org.br>.

BRENNAND, Francisco. Disponível em: <www.brennand.com.br>.

CASA DA FLOR. Disponível em: <www.casadaflor.org.br>.

HEIL, Eli. Disponível em: Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais <www.itaucultural.org.br>.

KRAJCBERG, Frans. Disponível em: <www.Lanore.club.fr/krajcberg/>.

_____. Disponível em: <www.base7.com.br/institutofk>.

LITERATURA DE CORDEL. Disponível em: <www.fundaj.gov.br/docs/pe/pe0017>.

NAVIO NEGREIRO. Disponível em: <www.nilc.icmc.usp.br/nilc/literatura/navionegreiro.htm>.

VÉIO. Disponível em: <www.turismosergipe.net/turismosergipe/museuveio.htm>.

_____. Disponível em: <www.popular.art.br/htdocs/default.asp?criterio=material&artigo=Madeira>.

Notas

¹ O documentário, de 2005, é o quarto curta-metragem dirigido pela cineasta pernambucana Adelina Pontual, e o primeiro a ser exibido direto no cinema. Adelina resolveu fazer o documentário ao conhecer o agricultor Cícero Alves dos Santos, durante a produção de um outro audiovisual sobre o artesanato nordestino, e ficar fascinada com seu universo particular.

² As miniaturas estão presentes também nas obras de Jeanete Musatti (veja documentário na DVDteca Arte na Escola), e em outros artistas populares como Hélio Leites de Curitiba/PR.

³ Clarival do Prado VALLADARES. Primitivos, genuínos e arcaicos, In: AGUILAR, Nelson (org.). *arte popular*. Mostra do Redescobrimento, p. 99.

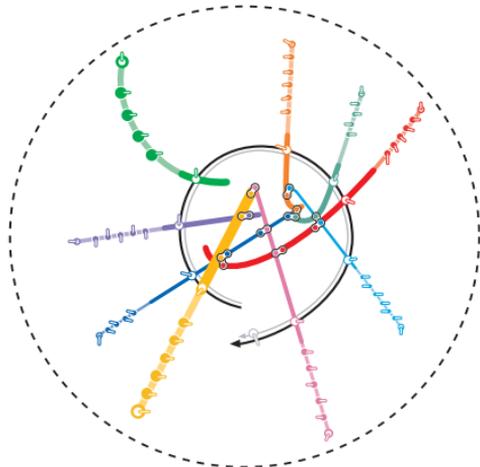
⁴ Consulte, na DVDteca Arte na Escola, os documentários sobre Eli Heil e Francisco Brennand.

⁵ Lendas urbanas são histórias cuja origem não é clara, não há provas do

que se conta, mas também não se prova sua falsidade. São histórias com começo, meio e fim, às vezes com uma dose de suspense ou de terror, sobre coisas estranhas, fatos duvidosos. Por apresentarem ingredientes que induzem ao sobrenatural, ou então situações que ocorreram com “fulano, amigo de cicrano, parente de sei lá quem” ou contadas como “causos”, esse conjunto de histórias cai no conhecimento geral das pessoas. Assim, são rapidamente transformadas em folclores contemporâneos. O caráter urbano dessas lendas reflete uma nova realidade. As velhas histórias de Saci Pererê ou Bruxas, de caráter mais provincial, dão lugar a uma temática mais ligada à cidade, lugar onde a maioria da população mundial vive atualmente, fazendo com que esses grandes centros criem seus próprios mitos, suas próprias lendas.

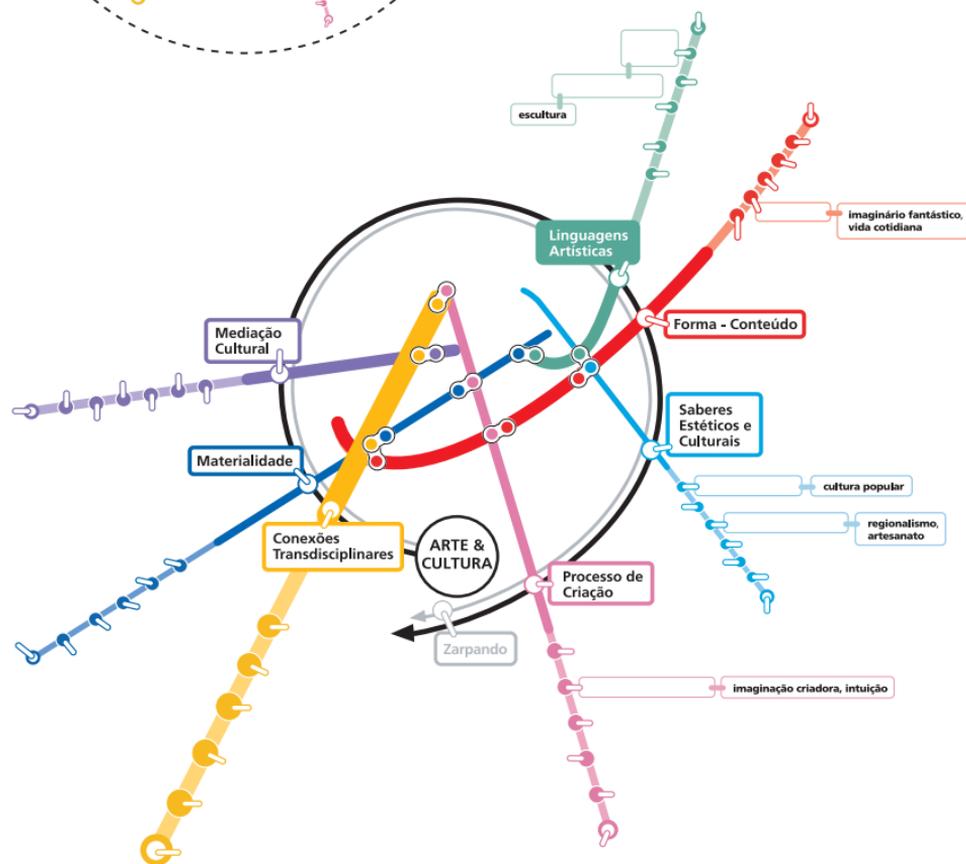
⁶ O poema completo está no site indicado, e o CD *Livro* de Caetano Veloso traz o poema musicado.

⁷ O termo expedição é, em casos como este, utilizado para superar o de excursão, já que a idéia é uma caminhada exploratória, como se os alunos fossem artistas-cientistas, conduzidos por um *corpo/olhar que estranha e se surpreende com o que é familiar*. MARTINS, Mirian Celeste. O que vemos com um olhar estrangeiro?. *Boletim Arte na Escola*. São Paulo: Instituto Arte na Escola, n.30, nov./dez. 2002. p. 5-6. Também disponível em: <www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=20>. Acesso em 10 jul. 2005.



Mapa potencial

VÉIO



Patrocínio



FUNDAÇÃO
IOCHPE

Organização



www.artenaescola.org.br